

ESCOLA DE PERIFERIA: UM OLHAR EM CONSTRUÇÃO

* VALIATI, Claudia Maria de Almeida - UPF

O trabalho realizado pelo GESPE (Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação), no desenvolvimento de seus projetos de pesquisa e de capacitação docente, fez construir como alternativa à formação continuada de professores a proposta de formação do professor como pesquisador de seu trabalho, entendendo que esta é uma das possibilidades que o professor tem de se voltar para a escola de periferia, construindo-a como seu objeto de estudo, de aliar teoria e prática e promover mudanças na organização escolar e no processo pedagógico.

Quando, em abril de 1998, iniciamos o Projeto Educação Formal e Periferia, sabíamos que não seria muito cômoda a situação de envolver cerca de 100 professores da rede municipal em uma proposta que levou cerca de 5 anos e muitas reflexões, opções e conflitos para ser minimamente definida. Como nesse trabalho temos por meta abordar a especificidade da escola de periferia, compreendê-la e nela intervir restava-nos, a nosso ver, tomar como ponto de partida as nossas conclusões sobre esse espaço ou reconstruir com os novos grupos de professores o caminho que nos fez chegar a elas. Ao optarmos pela segunda alternativa, impôs-se a necessidade de trabalharmos com o olhar dos professores, por entendermos que, dar-se conta do modo como se vê a escola e as situações que nela ocorrem, é fundamental em um processo que tem em vista a transformação desse espaço. Essa necessidade é, ainda, reforçada pelo entendimento que temos de que o olhar do professor sobre a escola de periferia precisa ser desinstalado a fim de ser compreendido e de se tornar mais sensível frente às necessidades desse contexto¹.

A formação acadêmica muitas vezes é insuficiente, para que os professores vejam e busquem na pesquisa formas alternativas de trabalho, impulsionados pelos desafios que a prática vai produzindo. Defendemos nesse projeto a necessidade da pesquisa como um instrumento que auxilie na melhoria do trabalho docente, como também reconhecemos que

* Componente do GESPE (Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação) e da Equipe de Coordenação do Projeto Educação Formal e Periferia.

essa tarefa não pode ser solitária, mas coletiva. O grupo é fundamental tanto para a produção de conhecimento sobre a escola quanto para o fortalecimento da opção por enfrentar esse desafio.

Quando nos referimos à escola de periferia chamamos a atenção para um local que apresenta uma problemática bem complexa e específica. Nessas escolas, o contexto social, econômico e político interfere no trabalho do professor e no processo de aprendizagem dos alunos. Nos professores, gera sentimentos de frustração, insatisfação e angústia, porque não conseguem desenvolver o que planejam, enfrentam situações imprevistas que desestabilizam o trabalho de sala de aula, entre outras coisas. Nos alunos, gera dificuldades para a sua vida escolar, pois desde cedo precisam trabalhar para ajudar no sustento da família (a criança apresenta desânimo, cansaço, apatia, dificuldades de atenção e concentração). A síntese dos diferentes modos de viver esse contexto, pelos sujeitos que o constituem, se mostra na diferença entre culturas e valores, nos conflitos entre perspectivas de vida distintas, etc.

O relato, a seguir, elaborado por uma das professoras integrantes do projeto Educação Formal e Periferia, apresenta alguns elementos desse contexto retratando um pouco a problemática acima descrita.

"A comunidade da vila Hípica é formada por trabalhadores, alguns do comércio, e outros que realizam biscates. No momento os pais dos nosso alunos estão também com um nível grande de desemprego, sendo que um casal por não conseguir emprego até o momento está tentando vender seus aparelhos domésticos (geladeira, televisão) para poder pagar a conta no mercado da vila e assim garantir o alimento para si e seus filhos. Soube deste fato através das serventes da escola.

Os pais da comunidade geralmente omitem algumas verdades em relação ao comportamento de seus filhos e as coisas que acontecem nesta relação são camufladas na sua vida econômica e afetiva.

¹ Esse tema é tratado com maior profundidade no artigo: A Escola de Periferia no Olha do Professor-Pesquisador publicado por Neusa Andreolla, Rosane Rigo De Marco e Grupo de Pesquisa, na Revista Espaço Pedagógico v.2, dez.95, nº .1, p.31-62.

Quero dizer com isso que se não formos professores observadores, será impossível entendermos o aluno que está todos os dias conosco, pois eles tem problemas que não são ditos demonstrados, e o professor necessita ter os sentidos aguçados, para estar sempre alerta com o que acontece ao seu redor e além deste"².

Pelos registros do cotidiano escolar, feitos por professores atentos ao seu movimento podemos notar a existência de situações que se repetem no cotidiano escolar das diferentes escolas.

Entretanto, apesar de todas as escolas de periferia serem institucionalmente organizadas da mesma forma (normas, currículos, hierarquias), existem entre elas peculiaridades. Assim, o que ocorre em uma escola é diferente do que ocorre em outra, porque cada cotidiano escolar é único e diferenciado, uma vez que cada sujeito que o compõe dota o seu espaço, as suas relações, as suas vivências de um sentido que lhe é próprio.

Segundo ARICÓ (Apud EZPELETA & ROCKWELL,1989, p. 11), "*... a escola se realiza num mundo profundamente diverso e diferenciado*". O desejo de "*mostrar e de mudar sua realidade multiforme exige que se abandone qualquer pretensão de unificá-lo de maneira abstrata e formal e que se abra a uma perspectiva micrológica e fragmentária*". Ezpeleta & Rockwell reiteram, a partir disso, "*... a necessidade de olhar com particular interesse o movimento social a partir de situações e dos sujeitos que realizam anonimamente a história*". Segundo elas, "*a construção de cada escola, mesmo imersa num movimento histórico de amplo alcance, é sempre uma versão local e particular neste movimento*".

Por entendermos que a mesma escola pode ser compreendida de diferentes modos, o trabalho de capacitação em serviço³ dá importância às observações e aos registros dos professores sobre o que acontece no cotidiano de cada escola, buscando as diferentes vivências e versões produzidas por estes sujeitos.

² Registro de um turno na escola – Desafio (22/06/98)

³ Por capacitação em serviço entendemos ser a pesquisa realizada pelo próprio professor que desenvolve seu trabalho em sala de aula.

O próximo relato traz o registro de um turno em uma escola, segundo as observações de uma professora.

" Chegada na escola: conferir o horário para ver se todos os professores estão presentes; bater a sineta.

A professora de português está em curso e a supervisora não chegou ainda não sei como atender os períodos que estão vagos. A professora de Educação Física se prontificou a dar os períodos, só que no segundo terá que juntar os períodos da 5ª e da 8ª série . Parece que as aulas estão ajeitadas.

A enfermeira me chama para confirmar que a aluna Sabrina está grávida de dois meses e para saber se conversei com seu enteadado.*

Ela também quer que eu ajude a resolver o problema do Joel que tem três famílias para escolher, não consegue se definir e prefere aquela que deixar que ele saia, vá para a rua, ele quer ser livre. Falei para ela que em nossa última conversa ele pouco ou nada falou e que a escola para ele não tem muito sentido, depois que conversamos ele não foi para a aula. Acho difícil que eu possa ajudá-lo.

Voltei para a escola estava fazendo um trabalho burocrático quando fui chamada novamente pela enfermeira, tinha um aluno passando mal, era o Lauro, que no ano anterior passou meses hospitalizado, ela não queria medicá-lo em função de sua história. A enfermeira Rita me falou também que a professora da 4ª série, a professora Cátia que está entrando no sétimo mês de gravidez está com pressão muito alta e que o ideal era ela ir para casa e procurar seu médico.

Voltei para a escola, para encaminhar a professora para casa e tive que dispensar sua turma, hoje não tinha substituta, pedi para a

* Os nomes das pessoas que aparecem neste relato foram alterados.

Angelina, aluna da 8ª série, levar o Lauro para casa, afim de que sua tia leve-o ao hospital.

*Iniciou o quarto período, a secretária tinha que ir até a prefeitura, a supervisora tinha que sair mais cedo para levar o seu bebê no médico, eu tinha que dar aula de português para a 6ª série. Iniciei a aula, a professora de matemática veio me comunicar que cinco alunos da 7ª série fugiram da escola durante a troca de períodos, notei que na 6ª série havia fugido também um aluno. Voltei para a aula pensando que atitude tomaria, pois este fato já estava se repetindo, não tive tempo para decidir, pois, a professora de outra turma de 5ª série, estava me chamando. Fazia 10 minutos que tinha entrado na sala e não conseguia iniciar a aula, sumiu materiais, havia várias acusações e reclamações dos próprios alunos que em outras disciplinas acontecia a mesma coisa. Senti que eles queriam uma atitude séria de minha parte. Chamei uma reunião com os pais, os alunos e os professores para a segunda-feira às 7 horas e 30 minutos. Recomecei a dar aula, telefone toca, mandaram me chamar, o guarda chegou tive que atendê-lo, pois teve um fato estranho (visita da prefeitura) à noite. Voltei e continuei a aula, tive que chamar várias vezes a atenção de alguns alunos, estavam dispersos e bagunçando. Terminei de passar a aula que a professora deixou e saí da aula para bater a sineta, tinha acabado a aula”.*⁴

Conforme os relatos apresentados, podemos constatar a profundidade e a riqueza das informações registradas vindas de observações realizadas por pessoas inseridas na realidade escolar. Apesar das pesquisas tradicionais propiciarem um conjunto de dados importantes para repensar a escola, entendemos que, nestes casos, os pesquisadores olham a escola de fora para dentro, muitas vezes estranhos ao ambiente escolar, realizando suas observações e produzindo determinadas constatações, sem que isso necessariamente o leve a esse conhecimento para a escola, privando os sujeitos de um retorno talvez importante para o seu trabalho.

⁴ Relato de um turno na Escola – Opção (18/06/98).

Os conhecimentos produzidos por tais pesquisas também são válidos, visto que trazem fatos e situações que ajudam a compreender o que ocorre dentro da escola, mas às vezes não captam o movimento do cotidiano escolar. Por isto, em nosso entender a pesquisa deve ser feita pelo próprio professor.

Paulo Freire, já afirmava que, nós professores, somos sujeitos privilegiados para desenvolvermos pesquisas que procuram captar o real movimento da escola, pois estamos nela atuando.

Ao trabalharmos com os nossos registros sobre esse cotidiano e as formas como se pode olhar este contexto.

Um dos olhares pode estar associada ao Positivismo, corrente filosófica que surgiu no século XIX. O Positivismo, segundo LÖWY(1987) está fundamentado num certo número de premissas que exprimem um sistema coerente e operacional para a sociedade, em que a sociedade é regida por leis naturais, isto é, leis invariáveis, independentes da vontade e da ação humana; na vida social, reina uma harmonia natural"(p.17). O pensamento positivista vem influenciando todo o conhecimento produzido pela humanidade. Suas premissas, em relação à produção do conhecimento, poderiam ser resumidas da seguinte forma:

- a) o sujeito (quem observa) e o objeto (o observado) são vistos de formas separadas;
- b) o conhecimento é resultado unicamente do objeto;
- c) os sujeitos não contribuem para a produção do conhecimento, eles são neutros.

O conhecimento produzido a partir desse viés é um conhecimento dito como definitivo, verdadeiro e inquestionável. A perspectiva positivista tenta isolar um fato e retirar dele todo o conhecimento possível, ignorando a totalidade que cerca esse objeto.

Pela crítica a esse modo de olhar, identificado, por Elli Benincá como objetivação dos fenômenos, propomos em nosso trabalho a intersubjetivação, tendo como pressupostos os seguintes elementos:

- a) sujeitos e objeto estão inter-relacionados.
- b) o conhecimento é resultado da relação do sujeito com o objeto;
- c) os sujeitos contribuem para a produção do conhecimento e interferem na realidade em que estão inseridos e que está sendo pesquisada.

O texto “Leitura de uma onda”, de Italo Calvino, vem explicitar a dificuldade que temos em olhar para um determinado fenômeno e mantermos a neutralidade diante dele. De posse de uma intenção (ver uma única onda) e de um método (isolá-la, separando-a da onda que se lhe segue e da que a precede), Palomar procurou manter suas sensações sob controle, buscou a neutralidade do olhar. No entanto, não conseguiu atingir o seu objetivo pois sabemos que o olhar e o próprio fenômeno são determinados por uma série de fatores e que essa neutralidade nas ciências sociais é praticamente impossível. Os sujeitos interferem no objeto e o objeto nos sujeitos.

Na formação do professor como pesquisador, entendemos que o conhecimento é construído a partir de relações com o outro e com o meio, e que este processo está em constante movimento. O conhecimento nesse caso é visto como provisório e inacabado.

Portanto, o olhar não é neutro. A realidade é vista através de uma espécie de viseira, de óculos, que nos permite ver somente o que cabe em seus limites. Essa “viseira” é condicionada por crenças, valores, experiências de vida, por concepções, pelo contexto no qual o sujeito está inserido.

"Aonde quer que eu olhe, olho de um certo lugar. A posição que estou com meus pés, o sítio onde me ponho para observar me condiciona a própria observação". (Paulo Freire, set/96)

Nesse sentido, atingir o grau de objetividade exigido pelo método da objetivação, encontra seu limite no fato de que cada observador, ao olhar para um mesmo objeto, pode ter sobre ele um olhar diferente, produzindo compreensões distintas. Para LÖWY (1987), o conhecimento não ocorre como um reflexo de um espelho e sim como a tela de um pintor. Cada um tem uma visão própria da realidade (dependendo das intenções, concepções e pré-conceitos) que condiciona o olhar.

A partir do filme O Carteiro e o Poeta, podemos analisar uma outra face do que estamos expondo. A história fala de um carteiro que tem a tarefa de entregar as correspondências ao poeta Pablo Neruda, quando este fica exilado em uma ilha da Itália. Os dois vão estabelecendo uma relação de amizade que muda completamente a vida do carteiro. Pode-se perceber que o seu olhar sobre a ilha muda, e isso gera uma mudança na sua vida. O que antes o carteiro não enxergava de belo na ilha ele passa a ver. Isso

significa que o modo de ser ver uma determinada situação pode ser modificado, dependendo da relação estabelecida pelos sujeitos envolvidos.

O próximo relato ilustra, através de uma observação feita por uma professora, a necessidade de se considerar o contexto vivenciado pela criança em uma escola de periferia:

"A prô de uma primeira série leva um menino para a sala dos professores e diz que ele ainda não havia tirado nem a mochila das costas, quanto menos tinha iniciado o trabalho (já eram quatorze horas e a aula havia iniciado às treze horas) e que ela não queria vê-lo sem fazer nada a tarde inteira.

Olhamo-nos eu, a coordenadora e a diretora, eu fiquei pensando sem momentaneamente saber o que fazer. A diretora logo perguntou se ele havia almoçado.

O menino não respondeu, apenas encheu os olhos de lágrimas.

A diretora levou ele para a cozinha e providenciou um prato de comida, que o mesmo comeu com uma "fome de muitos dias". Depois o garoto voltou para a sala de aula, e trabalhou a tarde inteira.

Pensamos que em outros tempos, teríamos "de cara" colocado o aluno de castigo, sem ao menos tentarmos descobrir porque o mesmo não queria realizar as tarefas em sala de aula"⁵.

A forma de olhar situações conflitantes na escola vem ressaltar a necessidade de considerarmos os diferentes sujeitos nela envolvidos. Cada aluno, por exemplo, tem a sua história e não há como adotar uma mesma atitude para todos.

"Diante do aluno problemático devemos: parar, olhar e escutar, para depois agirmos frente a criança. É importante o lugar, ou seja, a posição de onde se olha e como se olha. Pois dependendo da posição que assumirmos para olhar e observar, será o ângulo que teremos"⁶.

LÖWY(1987) ilustra o movimento que o próprio olhar pode assumir através da alegoria do mirante. Para ele, o sujeito se situa em uma espécie de observatório. Este lugar

⁵ Relato – Opção

⁶ Cf. relatório do Grupo Travessia – (09/06/98)

é constituído de patamares, onde o sujeito, estando no primeiro patamar do observatório, consegue enxergar um determinado aspecto, ver determinadas coisas e, ao subir mais uma posição, ampliar seu campo de visão.

Ver mais ou limitar o campo de visão está condicionado à teoria a partir da qual se compreende o mundo. Segundo o autor, há teorias que permitem uma compreensão mais complexa do mundo e outras que impedem o sujeito de assim o ver.

Em relação ao nosso projeto de formação, percebemos que é necessário elevar o olhar, ampliar o campo de visão dos professores. Uma das formas que temos encontrado para isso é teorizando, fazendo leituras e discussões buscando construir um conhecimento mais amplo da realidade.

A teoria no processo de pesquisa e de formação não é desvinculada da prática, ou seja, daquilo que se observa. Ela contribui para a construção, desconstrução e reconstrução da prática, em um processo permanente de ação-reflexão, cuja a outra faceta é também o questionamento de sua própria pertinência e da sua capacidade de orientar esse percurso.

Desta forma, a pesquisa, como um instrumento nas mãos do professor e constituída como uma práxis, é uma possibilidade que se tem de compreender e transformar, na medida do possível, o contexto da escola pública de periferia.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 6. ed. Rio de Janeiro : Graal, 1992.
- ANDREOLLA, N. , DE MARCO, R. *A escola de periferia no olhar do professor-pesquisador*. Revista Espaço Pedagógico v.2, n.1.dez-95.p.-31-62.
- BENINCÁ, Elli. *A prática pedagógica de sala de aula*. Cadernos da UPF, ano I, n.4, agosto de 1982.
- CALVINO, Ítalo. *Leitura de uma onda*. In: *Palomar na Praia*. Lisboa: Ed. Teorema Ltda. Tradução de João Reis, Companhia dos textos, São Paulo, 1994. p11-15
- DEMO, Pedro. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. 3.ed. São Paulo, Cortez: Autores associados, 1992.
- DICKEL, Adriana. *O esforço coletivo de reapropriação do trabalho docente na trajetória de um grupo de professoras municipais de periferia*. Campinas: Faculdade de Educação da Universidade Estadual de campinas, 1996. 283 p.(Dissertação de Mestrado).
- FAZENDA, Ivani (org.). *Metodologia da Pesquisa Educacional*. 2.ed.São Paulo: Cortez,1991.

FREIRE, Paulo. Set/96.

GRAMSCI, Antônio. *Concepção dialética da história*. 8. Ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1989.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 4. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992.

LÖWY, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen; Marxismo e Positivismo na Sociologia do Conhecimento*. 4. ed. São Paulo : Busca Vida, 1987.

ROCKWELL, E., EZPELETA, J. *A escola: relato de um processo inacabado de construção*. In: *Pesquisa participante*. 2 ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1989.